

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O QUE QUERO VER

10 de Abril de 2023

INTEURODEOKSYEON / 2021

APRESENTAÇÃO

um filme de HONG SANGSOO

Realização, Argumento, Fotografia (digital, preto-e-branco), Montagem, Música: Hong Sangsoo *Som:* Seo Ji-Hoon *Interpretação:* Shin Seokho (Youngho), Park Miso (Juwon), Kim Youngho (Pai), Ki Joobong (velho actor), Kim Minhee (pintora), Seo Younghwa (Mãe de Juwon), Cho Yunhee (Mãe de Youngho), Ye Jiwon (enfermeira), Ha Seongguk (Jeongsoo, amigo de Youngho).

Produção: Jeonwonsa Film (República da Coreia, 2021) *Produtor:* Hong Sangsoo *Produção executiva:* Kim Minhee *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falado em coreano e legendada em português, 66 minutos *Título internacional:* Introduction *Estreia:* 28 de Março de 2012, no BAFICI (Argentina); 10 de Junho de 2021, no Festival Internacional de Cinema de Berlim (Urso de Prata de Melhor Argumento; Alemanha) *Estreia na República da Coreia:* 27 de Maio de 2021 *Estreia em Portugal:* 26 de Maio de 2022, em Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Apresentação antes de *Perante o Teu Rosto*: os dois Hong Sangsoo de 2021 encontram-se na sequência de conversas que fluem dos encontros do protagonista, o jovem filho aspirante a actor deste *Apresentação*, a mulher de meia-idade, antiga actriz, de *Perante o Teu Rosto*. Não é o único elemento comum, sendo que os distingue a fragmentação do primeiro e a linearidade narrativa do segundo, as estações do ano em que decorrem fazendo de um um filme de Inverno, e de outro um de Primavera, o cromatismo do preto-e-branco invernió e da primaveril gama de tons: a rarefacção de recursos está, em ambos, subsumida nas fichas técnicas em que o realizador sul-coreano ocupa os créditos de realização, produção, argumento, fotografia, montagem e música; em ambos, também, uma aura de espiritualidade, o foco em relacionamentos consanguíneos, preces iniciais, a medicina chinesa, a saída com regresso à Coreia tenha ela o carácter temporário e visível da estadia em Berlim do rapaz deste filme ou exista como história de vida nos EUA da mulher em visita à irmã no filme seguinte. Não falando noutras constantes que participam das *variações de Hong Sangsoo* (ligação directa à retrospectiva de 2019 na Cinemateca), além do método célere ou o argumento em construção no dia-a-dia da filmagem, da lógica matemática aliada à improvisação. Por exemplo, o minimalismo, a navegação à vista do estado da vigília e do sonho (noutros filmes, das múltiplas de planos temporais e hipóteses narrativas), a ênfase de pelo menos uma sequência de refeição catártica com abundância de comida e bebida.

Ainda do mundo de Hong Sangsoo – no qual entretanto, neste exacto momento, se contam mais três títulos, dois da safra de 2022 (*The Novelist Film* e *Walk Up*, na expressão internacional dos títulos), um de 2023 (*In Water*, “o filme desfocado”) – releva, em *Apresentação*, a estrutura ternária que define uma lógica interna em “três episódios” tal e qual como no precedente *A Mulher que Fugiu*, composto na deambulação da personagem de Kim Min-hee e dos seus encontros que desaguam numa sala de cinema onde uma projecção acontece unicamente para os seus olhos. Também assim é no *Outro País* (2012), ou há o caso das quatro partes do “*Filme de Oki*” (2005). Na sua obra têm sido mais os casos das estruturas bipartidas iniciadas ao terceiro filme, *Oh! Soo-Jung* (“*A Virgem Desnuda pelos Seus Pretendentes*”, 2000) e igualmente exemplares da repetição com variantes no “*Conto de Cinema*” (2005) ou *Sítio Certo, História Errada* (ou

“certo agora, errado então”, 2015), embora já a segunda vez de “*O Poder da Província de Kogwon*” (1999) assente numa questão de perspectiva. Vem da história de Hong Sangsoo e a lição de Cézanne, a “infinidade de mundos possíveis”, os “e se...” inclusivos da sua visão.

Como noutros títulos Hong Sangsoo, *Apresentação* compõe-se em segmentos numerados. Aqui, os Algarismos colam, em sequência, com os três passos da dita estrutura – depois da prece, em que já estamos no primeiro de três momentos de vida do jovem protagonista, 1) Youngho vai ao encontro do pai, acupuncturista, que há muito não vê, que o chamou e está ocupado com um paciente, um actor famoso que passa de imprevisto no consultório; 2) Youngho aparece, em Berlim, à namorada que acabou de chegar à cidade onde vai estudar moda acompanhada da mãe que veio deixá-la em casa da sua amiga artista; 3) Youngho leva um amigo ao seu encontro com a mãe e o actor famoso amigo dela que o esperam num restaurante de beira-mar. Cada segmento tem uma duração mais longa que o anterior, correspondendo o terceiro e último a cerca de metade dos 66 minutos de filme. Há personagens que circulam nos vários segmentos, mas assumindo posições de relevo distinto e operando deslocações narrativas (Juwon, a namorada de Youngho aparece brevemente no primeiro episódio enquanto, no segundo, com ela, já não esperamos Juwon quando ele surge, por exemplo). Todos se organizam em torno de conversas e, fundindo a negro com notas musicais no final, terminam com um abraço sendo que no último há, além de um abraço fraternal, um discurso sobre o abraço amoroso e a possibilidade da sua representação. Seria uma síntese justa do filme – o que pode um abraço.

Era uma vez uma pandemia, lembram-se? Aconteceu em 2020, quando *Apresentação* foi completado embora nele não existam sinais exteriores de tal reboliço, tal e qual sucede em *Perante o Teu Rosto* em que a dado momento a protagonista depara com a criança que pode ser o seu reflexo e a aperta longamente nos braços (as pessoas, as máscaras faciais, o gel desinfetante surgem apenas no *The Novelist Film*, quando a tensão pandémica parecia distender-se sem que o hábito fizesse o monge). Os abraços eram então uma espécie de veneno ou uma violentíssima falta. Nada que perca a propriedade em qualquer outro contexto, mas é interessante notá-lo de passagem. De qualquer modo, a doçura do abraço de Youngho à assistente do pai, visivelmente desarmada, mostra, sob a neve que cai, a ligação das personagens vinda da infância do rapaz; o abraço de Youngho à namorada em Berlim tem substância amorosa; o terceiro abraço é fraternal e é Youngho quem o recebe, do amigo que o vê sair do banho de mar retemperador mas gélido. Podem ser (é um “e se”) a ligação a uma memória, uma promessa, a consolação, tudo articulado no presente. Nos três casos é de calor que se trata, no meio do frio, coisa de humanos.

Já o discurso “do abraço” é um momento de antologia entre um velho actor e um aspirante a actor que arriscou não o ser para não simular um beijo numa cena de representação com medo de ferir a namorada. Um pecado? Qual é o sentido absoluto de um abraço...? Verdade ou simulação? O desentendimento dos dois leva a gritos na mesa rasa pejada de garrafas vazias. “Quando uma pessoa abraça outra... com sinceridade ou mera brincadeira, trata-se sempre de amor! Que importância tem se é brincadeira, representação ou fingimento? Por insignificante que seja só pode ser benéfico! É algo de muito valioso, muito bom e muito belo! Como pode ser pecado?! O que havemos de fazer contigo, meu amigo?” A descarga do velho actor sai-lhe das entranhas, libertado com a expressividade emocional do álcool (para os lados da Coreia, já que na Finlândia de Aki Kaurismaki não é bem assim); o jovem aspirante a actor bebe mais um trago de soju com o mesmo gesto burlesco sincronizado com o do amigo que os dois desempenham desde que ali chegaram e se puseram a beber sentados do lado da mesa em que a mãe de Youngho está sentada: voltando-se discretamente de lado, de costas para ela e bebendo os copinhos a tragar de uma vez só, mostram a familiaridade jovem com o soju e um certo acanhamento, combinação cujo sentido de humor pode ser entendido como um dos níveis da apresentação propostos no filme.

Breve, condensado, brutalmente elíptico, *Apresentação*, que por isso mesmo foi sendo relegado para a “categoria B” dos Hong Sangsoo elidindo uma preciosa qualidade “em bruto”, tem uma potente densidade Hong Sangsoo. Um espectador habitual reconhecê-la-á mesmo que não a estime a condizer. Ao mesmo tempo, é um filme de primeiras vezes: é o primeiro em que o prolífero-versátil Hong faz a fotografia (regra que tem mantido de então para cá) e é o primeiro em que, na dupla Youngho e Juwon, rapaz, rapariga, os jovens actores Shin Seokho e Park Miso são protagonistas no cinema (ambos foram alunos de Hong na Universidade de Konkuk, tornando-se seus colaboradores e actores em pequenos papéis). Foram eles quem testemunhou que o realizador só lhes disse o título do filme no final da montagem e foram eles – que assim Hong Sangsoo *apresenta* – quem interpretou como “de certa maneira, o título significa apresentar a experimentação do realizador e pode também significar que cada capítulo do filme em três partes revela apenas a ‘apresentação’ das histórias que podem vir a ser desenvolvidas no futuro” (Shin); “penso que o sentido do título *Apresentação* pode ser uma acção inevitável a que nos vemos forçados aconteça o que acontecer” (Park). Na mesma entrevista conjunta a Jung yu mi em Junho de 2021, em que ambos concordam no facto de as suas personagens procurarem ambas a emancipação da vida adulta bem como na consistência que encontram no professor e no realizador Hong Sangsoo, Park verbaliza a recomendação mais preciosa que recebeu dele: “Não desviem os olhos da direcção que querem seguir.”

Em *Apresentação*, título que surge apenas no genérico de fim, a rematar o filme, os pais, a namorada, uma estrela de cinema lendária, a assistente do pai, um amigo são os interlocutores de Youngho nas suas três deambulações. Na terceira – terceiro segmento – que se cinde em duas partes – rapaz com amigo encontra-se com mãe e actor famoso para discutirem a sua situação de aspirante a actor; rapaz na praia com amigo apanha ar e dá um mergulho para curar bebedeira –, Youngho e Juwon encontram-se no sonho do rapaz sem que haja grande sinalização de que o realismo se abriu ao onirismo varrendo uma personagem da superfície da praia (o amigo) para fazer entrar outra (a ex-namorada). A “passagem” fica no *zoom in* que fixa vagarosamente o automóvel fechado em que os dois rapazes chegaram àquela praia no início do segmento 3) e ao qual voltamos depois desse belo parêntesis, achando uma espécie de belo adormecido.

Que *Apresentação* será um filme “de buracos”, de esboços, de vertigem, fica expresso no primeiro encontro (1), o do rapaz e do pai, que não vemos. É a *falha* de visibilidade que norteia todo o filme. No princípio é este pai, filmado de costas, defronte de um ecrã e de uma janela, de cabeça enfiada nas mãos entrelaçadas, que ouvimos prometer a um Deus qualquer que tudo fará se lhe for concedida uma segunda oportunidade. Depois enverga a bata branca de médico e o filme continua. No seguinte, um monólogo meditativo falará de graça.

Maria João Madeira